

ESTIMATIVAS DOS EFEITOS NO COMÉRCIO DA ENTRADA DE PORTUGAL E ESPANHA NA UNIÃO EUROPÉIA

Herbert Glejser¹
Sueli Moro²

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa os resultados no comércio, da ampliação da União Européia (UE) para Portugal e Espanha, em 1986, de uma perspectiva mais ampla, ou seja:

- 1) O que pode ser esperado, do ponto de vista de criação e desvio de comércio, de sucessivas extensões de uma união aduaneira? Começando em 1959 com o Benelux, França, Alemanha e Itália, a UE absorveu a Dinamarca, a Irlanda e o Reino Unido em 1973, em seguida a Grécia em 1981, uns anos depois, em 1986, Portugal e Espanha (sem esquecer a Alemanha Oriental em 1990) e finalmente, em 1995, a Áustria, a Finlândia e a Suécia. Duas novas adesões consideráveis já estão em perspectiva: a dos países da Europa Central e Oriental (mais os países Bálticos, Chipre e Malta) e a da Turquia.

Em Glejser (1976), estudo realizado com a mesma metodologia utilizada neste trabalho, encontramos diversas evidências de desvio de comércio em detrimento dos EUA após 1958. Nossa conclusão é que, durante toda a década de 80 e início da de 90, os países não-membros sofreram perdas ainda mais importantes. Existem duas razões principais para este agravamento: em 1986, a UE era 40% maior em termos de população, e um pouco menos de 40% maior, em termos de renda, que em 1959. Os países estrangeiros tiveram então que competir, depois de 1986, com um maior número de aderentes que após 1959.

- 2) Além disso, a UE tornou-se mais diferenciada em termos de Hecksher-Ohlin: enquanto os primeiros seis países eram nações com salários elevados e baixo custo de capital (principalmente após 1963), por volta de 1986, dois países

1 Professor e pesquisador da Faculté Notre Dame de la Paix, Bélgica.

2 Bolsista recém-doutor do CEDEPLAR/FACE/UFMG.

de baixos salários e alto custo de capital já tinham “infiltrado” a UE: Irlanda e Grécia. Como consequência, enquanto a maioria das nações industrializadas estrangeiras à UE sofreria os efeitos do desvio de comércio em 1959, ambos, nações industrializadas e países subdesenvolvidos, foram afetados em 1973, em 1981, e principalmente em 1986: enquanto os EUA perdiam mercados para a Alemanha na Espanha, a Tunísia perdia mercados para a Espanha na Alemanha.

Após a adesão dos países do Leste à UE, este fenômeno tenderá somente a agravar as dificuldades dos exportadores dos países da América Latina, Ásia e África: as nações pobres e destituídas estão sendo cada vez mais afastadas do cenário por rivais não muito melhor posicionados. O declínio no comércio acarreta uma redução na renda destes países.

Uma reação a estas perdas tem sido a formação de uniões aduaneiras rivais, como o Mercosul, Asean e Nafta. Pode-se somente esperar que:

- 1) estas uniões atraiam, cada vez mais, países destituídos e pouco “atrativos” do ponto de vista comercial;
- 2) reduzam participação das barreiras protecionistas entre estes países, reduzindo desta forma os custosos desvios de comércio.

Iniciaremos apresentando um modelo simples mas eficaz (seção 2), aplicando-o em seguida a Portugal, à Espanha, aos membros da UE em 1985 (total de 10), e finalmente à África e à América Latina (seção 3). Na seção 4 faremos uma interpretação dos resultados à luz da teoria econômica. A seção 5 é destinada à discussão do comércio intra-industrial e a seção 6 às conclusões.

2 METODOLOGIA

O procedimento baseia-se na evolução da participação no comércio total. Serão calculadas as seguintes regressões:

$$x_{ij} = \alpha_{ij} + \beta_{ij} T + \delta_{ij} T' + u \quad (1)$$

onde x_{ij} é a participação do país j no total das exportações do país i ; ³ T são os anos a partir de 1973 (=0) até 1993 (=20) e T' são os anos a partir de 1986 (=1) a 1993 (=8); α , β e δ são os parâmetros e u é o

3 Ambos a preços nominais.

termo perturbação. A escolha do ano de 1973 é motivada pelo fato de que já vigorava nesta época um acordo bilateral de comércio de Portugal e da Espanha com a UE (Baldwin, 1995).

O mesmo procedimento é adotado para a participação nas importações, m_{ij} .

Na verdade, é importante checar a equação (1) com:

$$m_{ji} = \alpha_{ji}^* + \beta_{ji}^* T + \delta_{ji}^* T' + v \quad (2)$$

para se ter a certeza de que, digamos, um valor positivo e significativo de $\hat{\delta}_{ij}$ é corroborado por um valor positivo e significativo de $\hat{\delta}_{ji}^*$. Deve-se calcular ambas as regressões (1) e (2) e controlar para que não somente a participação de j no total das exportações do país i aumente, mas também a participação de i no total das importações do país j aumente. Somente quando este for o caso é que podemos dizer que uma forte criação de comércio está ocorrendo. Se $\hat{\delta}^*$ for positivo e não-significativo, poderemos apenas falar de uma provável criação de comércio; se $\hat{\delta}^*$ for negativo e não-significativo falaremos de uma pequena criação de comércio. O mesmo é válido *mutatis mutandis* para o desvio de comércio⁴.

Continuaremos a falar de desvio de comércio como uma consequência da união quando $\hat{\delta}_{ij}$ e $\hat{\delta}_{ji}^*$ forem significativamente negativos mas o volume das exportações de i para j mostrar um tendência positiva e significativa, de modo que se possa argumentar que nenhum desvio, *stricto sensu*, está ocorrendo como uma consequência da união. Um desvio relativo passa então a fazer participação de nosso conceito.

Uma observação a ser feita é que um $\hat{\beta}$ e/ou $\hat{\delta}$ positivo implica(m) necessariamente que $\hat{\beta}$ e/ou $\hat{\delta}$ com o resto do mundo será(ão) negativo(s); a questão é: “negativo(s)” [e possivelmente significativo(s)] com quais países?

Uma última observação é que, se os países i e j tornam-se significativamente integrados, os países k e l podem se tornar significativamente integrados também, isto é, $\hat{\delta}_{ij}$ e $\hat{\delta}_{ji}^*$ podem ser acompa-

4 Na verdade, nós checamos aqui somente para $ij =$ Portugal, Espanha e UE. Para Portugal e Espanha os sinais de β^* e δ^* foram todos confirmados; somente 4 coeficientes não foram significativos em ambas as regressões, eles eram todos $\hat{\beta}$ e 3 deles se relacionavam às exportações de Portugal como participação das importações espanholas (Tabelas 6E e 7P). Pode-se falar então de criação de comércio geralmente forte e algumas vezes provável.

nhados por $\hat{\delta}_{kl}$ e $\hat{\delta}_{lk}^*$ positivos e significativos. Nós encontramos uma integração deste tipo, ou seja, uma **integração induzida**, nos anos sessenta, entre o Canadá e os EUA, e também entre o Canadá e o Japão⁵.

Finalmente, ressaltamos que, outros fatores além de Uniões Aduaneiras podem ser responsáveis por uma evolução: a participação do país i nas importações do país j pode diminuir devido a uma redução no ritmo de crescimento do primeiro. Esta é a razão pela qual uma comparação entre $\hat{\beta}_{ij}$ e $\hat{\beta}_{ji}^*$ seria o ideal. Uma diminuição do crescimento na Austrália pode explicar porque a participação deste país nas importações japonesas e canadenses permaneceu estável ou mesmo diminuiu no período 1960-71, a despeito da “integração induzida”. (Entretanto a participação da Austrália nas importações dos EUA mostrou uma pequena tendência positiva e significativa.)

Convém ressaltar que, ainda, o ideal seria estudarmos a performance total, tanto das exportações como das importações, com a respectiva distinção entre mudanças no valor e no volume do comércio - vide preços do petróleo nos anos 70.

Deixaremos porém esta análise para um outro exercício.

3 RESULTADOS DAS REGRESSÕES

As Tabelas 1.U a 3.U (símbolo para União Européia), mostram a evolução do ponto de vista da UE, enquanto que as Tabelas 4.E e 5.P mostram a evolução do ponto de vista da Espanha e de Portugal.

Através da Tabela 1.U podemos observar que as importações agrícolas da UE provenientes da América Latina aumentaram em 0,26 ponto ao ano no período que antecede 1986, e diminuíram em 0,47 ponto ao ano após esta data - uma indicação de desvio de comércio.

5 Conforme Glejser (1976, p. 144-145), o maior efeito foi observado na participação dos EUA nas importações canadenses: enquanto $\hat{\beta}$ era igual a 1,04 (-6,09); $\hat{\delta}$ se elevava a 1,41 (6,94); para a participação do Canadá nas importações americanas, $\hat{\beta} = -0,33$ (2,19) e $\hat{\delta} = 0,91$ (3,70). Como pode ser visto, as relações comerciais entre o Canadá e os EUA foram enfraquecidas nos anos 50; a partir dos anos 60 e início dos 70, aconteceu uma reversão vigorosa, com a participação dos EUA, que já representava cerca da 2/3 das importações canadenses, subindo ainda 0,4 ponto ao ano. A participação do Canadá nas importações americanas aumentaram ainda rápido: mais de 0,5 ponto ao ano.

O oposto aconteceu para as exportações da UE: uma queda significativa da participação da América Latina antes de 1986 e uma correção positiva e significativa depois desta data, causando uma estabilização da porcentagem. A notar que a América Latina tem uma clara vantagem comparativa para a agricultura, mas a distorsão devida à união pode muito bem balancear suas importações e exportações agrícolas com a UE por volta do ano de 2010.

As Tabelas 2.U e 3.U analisam a evolução das participações da Espanha e de Portugal no comércio da UE. Antes de 1986, ambos os países mostraram uma melhora de posição no mercado da UE (exceção feita às exportações agrícolas de Portugal). A partir de 1986, ambos mostraram uma correção positiva, significativa principalmente para a agricultura. A criação de comércio de 1986 para frente melhorou uma situação que já vinha melhorando⁶. Note-se entretanto que os ganhos dos dois países para agricultura podem explicar somente 1/3 das perdas latino-americanas: $0,19 + 0,06 = 0,25$ ($\pm 1/3$ de 0,73). Por conseguinte, outros atores podem ter entrado em cena: Europa Central e Oriental ou América do Norte (depreciação do dólar)...

As Tabelas 4.E e 5.P, as quais completam 2.U e 3.U, referem-se ao comércio com a UE do ponto de vista da Espanha e de Portugal, respectivamente. A tendência positiva e significativa, antes de 1986, na participação da Espanha nas importações totais da UE (Tabela 2.U) é parcialmente confirmada pelo valor não significativo (0,40), da participação da UE nas exportações totais da Espanha (Tabela 4.E) - provável criação da comércio na nossa terminologia. Os resultados das exportações agrícolas para a UE são contraditórios, apesar de que parece ter ocorrido uma diminuição na participação da UE nas exportações da Espanha. A tendência positiva nas exportações industriais para a UE, antes de 1986, reflete provavelmente os efeitos dos Acordos Bilaterais de Livre Comércio (BFTA). No caso das exportações da UE para a Espanha até 1986 (e para as importações da UE pela Espanha), nenhuma tendência foi significativa apesar de todos os valores serem positivos.

A partir de 1986, as exportações agrícolas espanholas mostraram um forte e significativo avanço na UE. O mesmo aconteceu, porém em menor extensão, para a indústria. Para com os fluxos provenientes da UE, os efeitos foram também fortes e significativos, principalmente para a agricultura.

6 Conforme os acordos bilaterais de comércio entre a UE e a Ibéria a partir de 1970-73.

Em poucas palavras, apesar das forças positivas já estarem agindo antes de 1986, a entrada da Espanha na UE, significou uma enorme interpenetração entre as duas áreas: o crescimento da participação da UE nas importações da Espanha cresceu 3,1 pontos ao ano, uma taxa que, se mantida, significaria uma conquista total do mercado pela UE por volta do ano 2005!

No que se refere ao comércio entre Portugal e UE, houve um aumento significativo na participação das exportações portuguesas nas importações totais da UE antes de 1986 (Tabela 3.U), o que é corroborado pela Tabela 5.P. Essa tendência parece ser particularmente forte para a indústria. No que se refere à participação de Portugal nas exportações da UE, nenhuma conclusão clara pode ser tirada até 1986. Também a partir desta data, a participação da UE nas exportações portuguesas **diminuiu** (exceto talvez para a agricultura). Embora alto em valor absoluto (-1,20) o $\hat{\delta}$ para a indústria apenas compensa o $\hat{\beta}$ (1,17). Para as importações portuguesas provenientes da UE todos os coeficientes são altos, significativos (exceto um) e positivos: enquanto a agricultura foi vigorosa em ambas as direções, a indústria foi mais tímida.

Resumindo, desde 1986, a UE invade Portugal - especialmente a agricultura - mas Portugal retira-se da UE, pelo menos em termos relativos.

Essa curiosa retirada da participação da UE nas exportações de Portugal, após a entrada deste país no mercado comum, pode ser explicada⁷ - houve uma mudança tão expressiva nas exportações de Portugal para a Espanha, no período de 1986-1993, que se tornou relativamente menos vantajoso exportar para a UE. Isto porque:

- 1) as barreiras comerciais espanholas, antes da adesão, eram mais altas que as da UE. A redução a zero de tarifas originalmente muito mais altas, fez com que, em termos relativos, os escoamentos para a Espanha crescessem mais do que os para a UE: a ampliação de um mercado é, certamente, uma função crescente do tamanho das tarifas e das barreiras não tarifárias **antes** da liberalização.
- 2) provavelmente mais forte é a influência do fator geográfico - como o ensaísta espanhol Salvador de Madariaga costumava dizer "*a Espanha é o sepúlcro e o esquife é Portugal*". Esta expressão faz alusão, evidentemente, às profundas

7 Note-se que a situação antes da adesão, e apenas com um acordo bilateral de livre comércio com a UE, era totalmente diferente.

ligações históricas entre os dois países e também a uma certa alienação de Portugal em relação ao resto da Europa (exceto talvez, em relação ao Reino Unido, antigo aliado contra a Espanha ou a França). Em poucas palavras, a distância absoluta e, mais ainda, a distância relativa para a Espanha são pequenas. A palavra distância deve ser compreendida no seu significado mais geral: geográfico mas também cultural - os dois idiomas e os gostos dos consumidores são próximos - assim como a renda *per capita*. As diferenças são grandes o suficiente para algum comércio interindustrial e pequenas o suficiente para algum comércio intra-industrial⁸.

Este relacionamento particular de Portugal com a Espanha certamente não é completamente simétrico: uma grande parte⁹ da Espanha está mais próxima do Sul da França, e mesmo do Noroeste da Itália, que de Portugal - acrescenta-se o fato de que a qualidade dos transportes é superior nestas duas últimas regiões.

“Como consequência” observamos as seguintes tendências nas exportações espanholas para Portugal:

- como proporção das exportações espanholas (Tabela 6.E):
 $\hat{\beta} = 0,08$ $\hat{\delta} = 0,66\text{sss}$; soma: 0,74
- como proporção das importações portuguesas (Tabela 7.P):
 $\hat{\beta} = 0,31\text{sss}$ $\hat{\delta} = 1,13\text{sss}$; soma: 1,44

Enquanto que as exportações da Espanha para a UE aparecem como:

- como proporção das exportações espanholas (Tabela 4.E):
 $\hat{\beta} = 0,40$ $\hat{\delta} = 1,54\text{ss}$; soma: 1,94
- como proporção das importações da UE (Tabela 2.E):
 $\hat{\beta} = 0,10\text{ss}$ $\hat{\delta} = 0,04$; soma: 0,14

8 O que também ocorre no comércio entre a Irlanda e o Reino Unido.

9 A Catalunha, os Países Bálticos, Navarra e Aragão possuem laços mais fortes com seus vizinhos do Norte, ao contrário de Castela, Andaluzia e Estremadura.

Assim, apesar do fato de que a participação da UE nas exportações espanholas cresceu rapidamente depois de 1986, em termos de participação da Espanha nas importações da UE o aumento foi apenas moderado - e com um problema de significação. Por conseguinte, houve aqui apenas uma criação provável de comércio, nada comparável às exportações da Espanha para Portugal, onde os coeficientes foram muito elevados e significativos ao nível de 0,1%. Para precisar inteiramente a magnitude da diferença entre os valores de 0,66 e 1,54 acima, é necessário ter em mente que, por volta de 1973, a Espanha exportava cerca de vinte vezes mais para a UE que para Portugal: em termos relativos 0,66 é cerca de oito vezes maior que 1,54. Assim, o maior aumento relativo nas exportações espanholas foi para Portugal.

A dinâmica deste processo é intrigante: será que a prospecção do mercado espanhol pelas firmas portuguesas é apenas um primeiro passo em direção a prospecção ótima do mercado total da UE, de modo que se possa prever uma segunda onda de prospecção para o Sul da França, Noroeste da Itália etc. (estendendo-se ao Norte da Alemanha e mais tarde à Dinamarca), ou isto já representa um equilíbrio devido ao fato que novas incursões não seriam mais vantajosas.

A guisa de conclusão pode-se dizer que os exportadores de Portugal e (em menor extensão) os espanhóis colheram os frutos mais seguros do pomar da UE nos galhos um do outro.

Esta análise sugere também uma profecia com relação às duas mais recentes adesões à UE: a Finlândia e a Suécia.

Pode-se dizer que estes dois países possuem entre eles aproximadamente as mesmas interrelações que existem entre Portugal e Espanha. Existem contudo grandes diferenças:

- a) a Suécia representa uma massa econômica menor do que a Espanha;
- b) os dois países já vem sendo unidos à UE desde 1974, através do Bloco Europeu de Livre Comércio (*European Free Trade Area*) e de um Acordo Bilateral de Livre Comércio (BFTA). Não se deve porém subestimar a alta integração no interior da UE, quando comparada aos acordos de livre comércio: a comparação dos coeficientes β com os δ , os quais foram, na maioria das vezes, muito maiores para os dois países, é eloqüente. Conseqüentemente, muita criação de comércio entre os dois novos aderentes, especialmente para as exportações finlandesas.

* * *

Voltaremos agora às tabelas e examinaremos outras relações: as Tabelas 8.E e 9.E apresentam nossos resultados sobre o comércio da Espanha com a América Latina e a África. Pode-se observar um forte declínio (principalmente para a agricultura) nas participações das exportações dos dois “continentes” nas importações espanholas - claramente, desvio de comércio.

A partir de 1986, a participação da América Latina nas exportações agrícolas espanholas aumentou significativamente, compensando a tendência negativa (e significativa) dos período anterior. O enfraquecimento das exportações industriais antes de 1986 é também impressionante. Por tudo e por todos, a Espanha está do lado mais tranqüilo.

Esta tendência é ainda mais acentuada com relação ao mercado africano: a participação da África nas exportações, tanto da agricultura como da indústria espanholas, mostrou uma tendência decrescente após 1986. O desvio de comércio aparece também nas importações espanholas da África, principalmente para a agricultura, ao contrário da situação que prevalecia antes de 1986, quando a agricultura africana realizou um grande avanço.

A situação é mais ou menos similar entre Portugal e América Latina e entre Portugal e África (Tabelas 10.P e 11.P): declínio da participação da América Latina nas importações de Portugal (mais acentuado para a indústria); nenhuma mudança significativa observada no caso da África. Com relação às exportações portuguesas, as participações da América Latina e da África não apresentaram modificações nas taxas de decréscimo depois de 1986. Entretanto, os danos parecem menores do que no caso da Espanha - talvez porque o Norte da África é mais protegido por ser mais próximo de Portugal.

4 SOBRE CUSTOS COMPARATIVOS (ESTÁTICOS E DINÂMICOS)

Para testar as teorias de comércio aplicamos as fórmulas (1) e (2) a dez categorias de comércio (de 0 a 9), distinguidas pela OCDE em seu CICT (*Classification Type pour le Commerce International*) revisado. Para cada categoria, tentamos identificar alguma forma de correlação dinâmica entre os $\hat{\alpha}$ e os $\hat{\beta}$ correspondentes. A questão é a seguinte: será que, com a liberalização do comércio, se poderia notar que um alto (baixo) valor de $\hat{\alpha}$ era normalmente acompanhado de um

alto (baixo) valor de $\hat{\beta}$ (ou de $\hat{\delta}$), acentuando a (des)vantagem comparativa mostrada por $\hat{\alpha}$?

Considera-se, de cada vez, as participações da UE, da América Latina e da África nas importações e exportações da Espanha e de Portugal. Inclui-se também o comércio entre Portugal e Espanha, perfazendo um total de 16 coeficientes de correlação.

Para nossa grande surpresa (Tabela 12), os coeficientes de correlação foram significativamente negativos (ao nível de 5%) em 10 dos 16 casos¹⁰; os coeficientes foram negativos em 14 dos 16 casos, um resultado que nos leva a rejeitar, no nosso caso, a vantagem comparativa dinâmica como teoria. Somente nas importações da Espanha provenientes da África apareceu um coeficiente de correlação positivo e significativo, o que pode ser espúrio uma vez que o valor de R^2 foi de apenas 0,45.

Poderíamos tentar isentar os custos comparativos dinâmicos, argumentando que justamente as exportações de produtos que têm uma vantagem comparativa é que foram fortemente frustradas pelo protecionismo duas décadas atrás, de modo que, quando o comércio foi um pouco mais liberalizado, ocorreram ao mesmo tempo um baixo valor de $\hat{\alpha}$ e um alto valor de $\hat{\beta}$. Um outro argumento possível é que as vantagens comparativas mudam com o tempo: economias em crescimento rápido, como Espanha e Portugal, não teriam, hoje em dia, as mesmas vantagens comparativas que em 1973 (uma teoria similar pode explicar o comércio intra-industrial). Na nossa opinião, tais explicações são muito idealizadas para serem verdadeiras.

De maneira similar, correlacionamos os coeficientes $\hat{\beta}$ com os correspondentes $\hat{\delta}$: os oito coeficientes de correlação significativos foram todos negativos (novamente!) - dois dentre eles se aplicavam à Espanha com Portugal. No total, 13 coeficientes de correlação foram negativos; dois dos quais se referiam à América Latina (Tabela 13). Os testes binomiais indicaram que 13 dos 16 coeficientes foram significativos (como 14 dos 16 acima).

Quando correlacionamos os $\hat{\alpha}$ e os $\hat{\beta}$, as coisas tornaram-se um pouco confusas: 2 coeficientes significativamente negativos (dos 10 negativos¹¹) e 1 coeficiente significativamente positivo (participa-

10 Em dois casos eles foram menores que -0,90, e em 4 casos estavam entre -0,90 e -0,70.

11 Todos os 4 coeficientes de correlação envolvendo a EU com Espanha e Portugal são negativos: alguma vantagem comparativa antes da adesão.

ção da Espanha nas importações de Portugal). Aqui novamente os altos valores de $\hat{\alpha}$ trouxeram baixos valores (frequentemente negativos) à tendência pós-1985 (Tabela 14).

Os custos comparativos parecem então estar seriamente ameaçados, pelo menos na sua forma dinâmica. Verificaremos agora a performance da teoria do comércio intra-industrial.

5 COMÉRCIO INTRA-INDUSTRIAL (ESTÁTICO E DINÂMICO)

Correlacionamos, para todos os 10 setores, os $\hat{\alpha}_M$ e os $\hat{\alpha}_X$ (M representando as importações e X as exportações, de um determinado país com outro) os quais, sob vantagem comparativa, em 1973, deveriam ser negativamente correlacionados e, sob comércio intra-industrial, em 1973, deveriam ser positivamente correlacionados. Uma correlação significativamente positiva foi encontrada apenas uma vez: participação da Espanha no comércio com Portugal. Em um outro caso importante, uma correlação significativamente **negativa** apareceu: participação da UE no comércio com a Espanha.

O último obedeceria, então, ao princípio da vantagem comparativa, e o primeiro o da especialização intra-industrial. No total, 5 das oito correlações são negativas (Tabela 15).

A teoria intra-industrial dinâmica perde novamente para a vantagem comparativa dinâmica quando correlacionamos os $\hat{\beta}_M$ e os $\hat{\beta}_X$ para cada par de países: em 8 resultados (dos quais 5 são negativos), 1 é significativamente positivo e 3 são significativamente negativos (Tabela 16).

O par positivo é encontrado, como para os $\hat{\alpha}$, para a participação da Espanha no comércio de Portugal. Os pares negativos são para as participações da UE no comércio espanhol; da África no comércio de Portugal e de Portugal no comércio com a Espanha (contradizendo os resultados para a participação da Espanha no comércio de Portugal).

A situação parece ainda mais crítica para o comércio intra-industrial dinâmico, nas correlações entre os $\hat{\delta}_M$ e os $\hat{\delta}_X$ (Tabela 17): em três dos 8 casos, a correlação é significativamente negativa. Em nenhum caso, a correlação é **significativamente** positiva (um teste não paramétrico conduziria entretanto a um empate: quatro correlações

positivas e quatro negativas). O resultado mais interessante é que a África apresentou um coeficiente negativo e significativo com a Espanha e Portugal: estes são justamente os casos onde particularmente se esperaria que a vantagem comparativa dinâmica prevalecessem, uma vez que as dotações de fatores são muito diferentes.

A performance dos custos comparativos, que se mostrou fraca nos testes da seção anterior, ganha aqui alguma força quando comparada à performance da teoria do comércio intra-industrial - embora o único parceiro mais industrializado aqui seja a UE.

6 CONCLUSÕES

Constatamos, assim, que o poder do comércio da UE excedeu em muito a eficácia dos seus acordos comerciais.

Após 1986, Portugal integrou-se principalmente com a Espanha, enquanto a integração espanhola mostrou também um pequeno viés em direção a Portugal: a história de um país é a sua geografia, como ressaltou J. Michelet.

O desvio de comércio esteve certamente presente *vis-à-vis* a América Latina e a África.

Os testes com as teorias de comércio são contraditórios: vantagem comparativa e especialização intra-industrial mostram-se ora bem ora mal com uma certa superioridade da vantagem comparativa não dinâmica.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDWIN, R. The eastern enlargement of the European Union. *European Economic Review*, v. 39, p. 474-481, 1995.

GLEJSER, H. The respective impacts of relative income; price and technology change, US Foreign Investment, the EEC and EFTA on the American Balance of Trade; In: GLEJSER, H. (ed.). *Quantitative studies of international economic relations*, North Holland Publishing, 1976.

O. C. D. E. miscellaneous publications.

8 APÊNDICE

Tabela 1.U

Participação da América Latina no comércio da UE (10 membros)
Período : 1980-1991

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	2,8 ss	0,02	0,15	0,61	2,69
Agricultura	9,9 ss	0,26 ss	-0,73 ss	0,95	1,98
Exportações					
Totais	2,6 ss	-0,20 ss	0,17 ss	0,91	1,84
Agricultura	1,5 ss	-0,13 ss	0,15 ss	0,87	2,44

Tabela 2.U

Participação da Espanha no comércio da UE (10 membros)
Período : 1980-1991

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	1,6 ss	0,10 ss	0,04	0,98	1,27
Agricultura	2,7 ss	0,07	0,19 ss	0,92	1,9
Exportações					
Totais	1,6 ss	0,12	0,25 s	0,89	2,03
Agricultura	0,8 s	0,08	0,37 ss	0,97	1,89

Tabela 3.U

Participação de Portugal no comércio da UE (10 membros)
Período : 1980-1991

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	0,4 s	0,05 s	0,01	0,97	1,31
Agricultura	0,20	-0,02 ss	0,06 ss	0,88	1,59
Exportações					
Totais	0,6 s	0,00	0,13 ss	0,86	1,69
Agricultura	0,20	(0,01)	0,19 ss	0,97	1,56

Obs: Os subscritos **s**, **ss** e **sss** significam que os valores são significativos aos níveis 10, 5 e 1% de probabilidade.

Tabela 4.E

Participação da UE (10 membros) no comércio da Espanha
Período : 1973-1993

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	34,6 ss	0,23	3,11 ss	0,75	0,50
Agricultura	9,9 ss	0,43	2,50 ss	0,90	0,84
Indústria	63,1 ss	0,10	0,26	0,31	1,05
Exportações					
Totais	46,1 ss	0,40	1,54 ss	0,78	0,79
Agricultura	59,3 ss	-0,41 s	1,68 ss	0,42	1,62
Indústria	40,0 ss	0,82 ss	1,32 s	0,82	0,75

Tabela 5.P

Participação da UE (10 membros) no comércio de Portugal

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	43,2 sss	0,20	3,04 sss	0,78	0,85
Agricultura	13,2 sss	0,08	2,54 sss	0,91	1,24
Indústria	64,3 sss	0,04	0,28	-0,04	0,67
Exportações					
Totais	49,1 sss	0,89sss	-0,82 ss	0,88	1,58
Agricultura	52,5 sss	0,12	0,19	-0,09	1,11
Indústria	47,8 sss	1,17sss	-1,20 sss	0,91	1,87

Tabela 6.E

Participação de Portugal no comércio da Espanha

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	0,2 s	0,06 sss	0,22 sss	0,94	0,44
Agricultura	0,2 ss	0,03 s	0,18 sss	0,93	0,74
Indústria	0,1	0,09 ss	0,20 sss	0,94	0,57
Exportações					
Totais	2,4 sss	0,08	0,66 sss	0,93	0,90
Agricultura	1,9 ss	0,05	0,61 sss	0,92	1,87
Indústria	2,6 ss	0,01	0,68 sss	0,90	0,81

Tabela 7.P**Participação da Espanha no comércio de Portugal**

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	4,0 sss	0,31 sss	1,13 sss	0,95	0,99
Agricultura	2,7 ss	0,13	1,36 ss	0,86	1,04
Indústria	5,1 ss	0,46 sss	0,62 sss	0,97	1,42
Exportações					
Totais	1,5 ss	0,28 sss	1,42 sss	0,97	0,83
Agricultura	2,7 sss	0,44 sss	0,77 sss	0,96	1,65
Indústria	1,0 s	0,25 ss	1,61 sss	0,96	0,66

Tabela 8.E**Participação da América Latina no comércio da Espanha
período: 1973-1993**

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	8,0 sss	0,21 s	-1,22 sss	0,68	0,76
Agricultura	13,7 sss	0,35 ss	-1,02 sss	0,45	1,53
Indústria	1,5 sss	0,01	-0,11 ss	0,55	1,32
Exportações					
Totais	10,9 sss	-0,37 ss	0,06	0,63	0,50
Agricultura	4,0 sss	-0,19 sss	0,19 ss	0,75	0,61
Indústria	13,9 sss	-0,49 sss	0,04	0,70	0,57

Tabela 9.E**Participação da África no comércio da Espanha
período: 1973-1993**

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	6,3 sss	0,50 sss	-1,52 sss	0,60	1,21
Agricultura	10,9 sss	0,95 sss	-1,13 sss	0,70	1,37
Indústria	0,7 sss	0,00	-0,01	-0,09	1,48
Exportações					
Totais	10,3 sss	-0,00	-0,93 ss	0,58	0,39
Agricultura	7,9 sss	0,21	-1,16 sss	0,47	0,63
Indústria	13,5 sss	-0,38 s	-0,54	0,70	0,57

Tabela 10.P**Participação da América Latina no comércio de Portugal**

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	4,7 sss	0,04	-0,39 s	0,30	1,41
Agricultura	11,4 sss	-0,21	0,22	0,15	1,62
Indústria	0,1	0,14 sss	-0,19 ss	0,68	1,07
Exportações					
Totais	3,1 sss	-0,14 ss	-0,00	0,65	1,43
Agricultura	3,7 sss	-0,18 sss	0,11	0,75	1,16
Indústria	2,8 sss	-0,12 s	-0,04	0,54	1,61

Tabela 11.P**Participação da África no comércio de Portugal**

	$\hat{\alpha}$	$\hat{\beta}$	$\hat{\delta}$	\bar{R}^2	DW
Importações					
Totais	7,2 sss	-0,01	-0,16	-0,08	0,59
Agricultura	14,3 sss	0,06	1,41	0,30	0,56
Indústria	2,48 sss	-0,19 ss	0,26	0,38	0,43
Exportações					
Totais	12,2	-0,52 ss	0,38	0,63	0,95
Agricultura	9,2 sss	-0,1	0,08	-0,08	0,88
Indústria	13,4 sss	-0,69 ss	0,55	0,71	1,08

Tabela 12**Número de Coeficientes de Correlação Significativos entre α e β**

Envolvendo a UE (10 membros)	1 (em 3 coeficientes negativos) nas importações da Espanha
Envolvendo a Espanha	2 (em 2 coeficientes negativos) no comércio de Portugal
Envolvendo Portugal	1 (em 2 coeficientes negativos) nas exportações da Espanha
Envolvendo a América Latina	4 (em 4 coeficientes negativos) no comércio de Portugal e Espanha
Envolvendo a África	2 (em 3 coeficientes negativos) nas exportações da Espanha e nas importações de Portugal 1 coeficiente positivo nas importações da Espanha

Tabela 13**Número de Coeficientes de Correlação Significativos entre β e δ**

Envolvendo a UE (10 membros)	2 negativos (em 3 coeficientes negativos) nas exportações da Espanha e Portugal
Envolvendo a Espanha	1 negativo (em 1 coeficiente negativo) nas importações de Portugal
Envolvendo Portugal	2 negativos (em 2 coeficientes negativos) no comércio da Espanha
Envolvendo a América Latina	2 negativos (em 4 coeficientes negativos) nas importações da Espanha e Portugal
Envolvendo a África	1 negativo (em 3 coeficientes negativos) nas exportações de Portugal

Tabela 14**Número de Coeficientes de Correlação Significativos entre α e δ**

Envolvendo a UE (10 membros)	1 negativo (em 4 coeficientes negativos) nas exportações da Espanha
Envolvendo a Espanha	0 negativo (em 1 coeficiente negativo) 1 positivo (em 1 coeficiente positivo) nas importações de Portugal
Envolvendo Portugal	1 negativo (em 1 coeficiente negativo) nas importações da Espanha
Envolvendo a América Latina	0 negativo (em 2 coeficientes negativos)
Envolvendo a África	1 negativo (em 2 coeficientes negativos) nas exportações da Espanha

Tabela 15**Número de Coeficientes de Correlação Significativos entre $\hat{\alpha}_m$ e $\hat{\alpha}_x$**

Envolvendo a UE (10 membros)	1 negativo (em 1 coeficiente negativo) no comércio com a Espanha
Envolvendo a Espanha :	1 positivo (em 1 coeficiente positivo) no comércio com Portugal
Envolvendo Portugal :	0 negativo (em 1 coeficiente negativo)
Envolvendo a América Latina :	0 negativo (em 2 coeficientes negativos)
Envolvendo a África :	0 negativo (em 1 coeficiente negativo)

Tabela 16**Número de Coeficientes de Correlação Significativos entre $\widehat{\beta}_m$ e $\widehat{\beta}_x$**

Envolvendo a UE (10 membros)	1 negativo (em 2 coeficientes negativos)
Envolvendo a Espanha	1 positivo (em 1 coeficiente positivo) no comércio com Portugal
Envolvendo Portugal	1 negativo (em 1 coeficiente negativo) no comércio com a Espanha
Envolvendo a América Latina	0 negativo (em 1 coeficiente negativo)
Envolvendo a África	1 negativo (em 1 coeficiente negativo) no comércio com Portugal

Tabela 17**Número de Coeficientes de Correlação Significativos entre $\widehat{\delta}_m$ e $\widehat{\delta}_x$**

Envolvendo a UE (10 membros)	0 positivo (em 2 coeficientes positivos)
Envolvendo a Espanha	0 negativo (em 1 coeficiente negativo)
Envolvendo Portugal	1 negativo (em 1 coeficiente negativo)
Envolvendo a América Latina	0 negativo (em 2 coeficientes positivos)
Envolvendo a África	2 negativos (em 2 coeficientes negativos)